



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

17 e 18 de fevereiro de 2018

Diário Catarinense e A Notícia Solidariedade

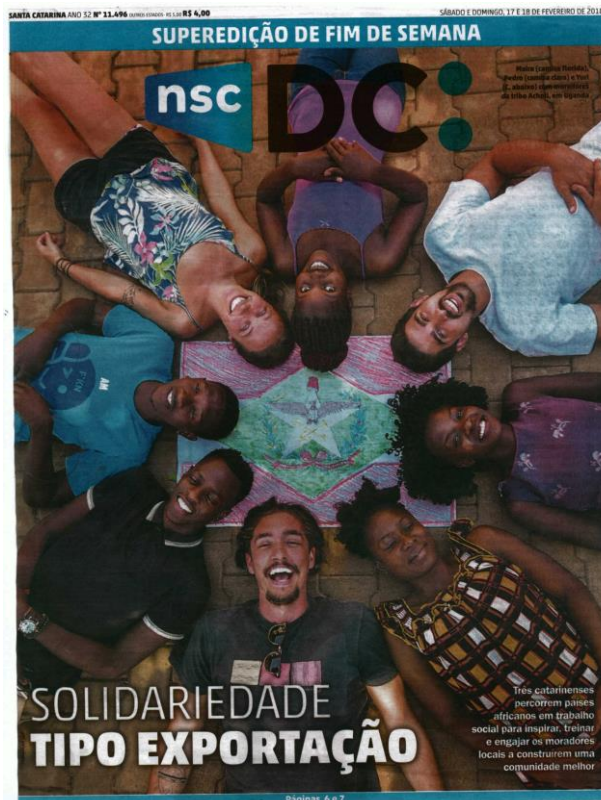
“Catarinenses semeiam boas ações pelo mundo”

Catarinenses semeiam boas ações pelo mundo / Startup social / InSpark Lab / Yuri Kuzniecowa / Engenharia de Produção Mecânica / Pedro Casali / Trabalho de Conclusão / Engenharia de Automação / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Maira Cristina / Projeto social / Objetivos do Desenvolvimento Sustentável / ODS / Organização das Nações Unidas / ONU / Empoderamento social / Laboratório de transformação Social / Empreendedores / Empresa Júnior

A Notícia - Contracapa



Diário Catarinense - Capa



SOLIDARIEDADE

CATARINENSES SEMEIAM BOAS AÇÕES PELO MUNDO

JOVENS ASSUMEM INICIATIVAS em países africanos com foco em objetivos da ONU e causam impacto em populações empobrecidas

ÂNGELA BASTOS

angela.bastos@somosns.com.br

Yuri Kuzniecowa, 23 anos, nasceu em Imbituba. Pedro Casali, 23 anos, é de Joinville. Maira Cristina, 30 anos, nascida em São Miguel do Oeste, e moradora de Florianópolis. Neste domingo, os três se encontram nos altos das montanhas de Uganda, na África, articulando os próximos passos de um projeto social com o potencial de transformar a tribo Acholi, da região de Kitgum, norte daquele país.

Essa tribo foi uma das mais afetadas pela ação de Joseph Kony, líder de um exército rebelde que recrutava crianças para se tornarem soldados ou até escravos sexuais.

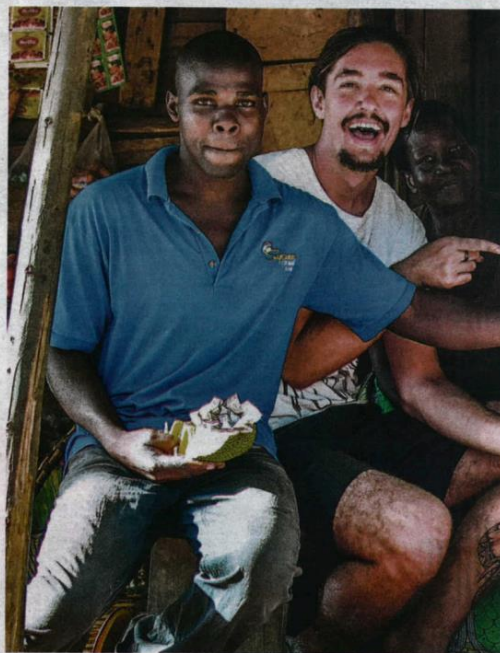
O plano dos catarinenses é trabalhar com empoderamento social para inspirar, treinar e engajar os moradores a construir uma comunidade melhor e apagar, assim, as marcas deixadas por Kony e seu exército. Yuri, Pedro e Maira são jovens que abriram mão do conforto em família para direcionar energias em campanhas humanitárias pautadas nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU).

A ideia é estabelecer conexão entre desafios da humanidade – acabar com a fome e a po-

breza em todos os lugares, disponibilizar água e saneamento a todos, promover sociedades pacíficas, entre outros – com ações simples que pessoas comuns consigam implementar.

Para isso, os jovens criaram a startup social InSpark Lab. A iniciativa, já levada a Marrocos, Egito e Quênia, seguirá de Uganda para Congo, Tanzânia, Índia, Nepal, Butão, Vietnã e outros destinos ainda indefinidos. A InSpark tem uma equipe de cinco membros efetivos, contando com Tucker Cochicarella (americano, gestor de mídias e cofundador do projeto com Yuri) e Mwongera (nome africano de Kilian Bartsch, alemão que pesquisa novas tecnologias de inovação social).

Pedro e Maira integraram o grupo no início de fevereiro, assumindo as funções de estratégia/desenvolvimento de negócio e gestão de resultados, respectivamente. Para tornar os ODS realidade, os jovens procuram integrar um conjunto de soluções que ajudem a comunidade a partir das suas necessidades. Assim, os objetivos da ONU que parecem de complexa resolução se concretizam com medidas simples, como energias renováveis, reciclagem, agricultura compartilhada e permacultura para criar modelos de negócio social que sejam sustentáveis e se adequem às demandas e particularidades de cada comunidade.



Yuri (segundo, da esquerda para a direita), Maira (ao centro) e Pedro (à direita) fazem parte de startup social que ajuda a resolver problemas de comunidades como a tribo Acholi, em Uganda

Soluções feitas pelos próprios moradores

O propósito da InSpark é facilitar o desenvolvimento de modelos de baixo custo com potencial de impacto social por meio dos próprios moradores das comunidades.

– A equipe trabalha com uma principal ferramenta: o empoderamento social. A função fundamental da organização é a de facilitar o desenvolvimento dessas iniciativas, mas os protagonistas vêm da própria comunidade – explica Yuri Kuzniecowa, estudante de engenharia.

A criação e gestão das soluções geradas são feitas pelos próprios moradores, que usam conhecimentos, referências e técnicas trazidas pela equipe da InSpark como forma de acelerar o progresso. A startup funciona como laboratório de transformação social, experimentando diferentes maneiras de mudar o mundo de dentro para fora.

– Para a gente, não existem comunidades pobres, só comunidades que ainda não enxergaram o potencial dos recursos que possuem. O nosso trabalho se resume a abrir os olhos dessas comunidades e acelerar uma melhor gestão de recursos – afirma Yuri.

As experiências passam por campos de refugiados, comunidades carentes, tribos,

vilarejos e áreas de conflito. As iniciativas são tomadas com o intuito de encorajar a mudança e assegurar a transformação. Durante os últimos quatro meses, as aventuras passaram por etapas como o contato com um campo de refugiados clandestino no norte do Marrocos, a história de uma deficiente física na luta contra a desigualdade de gênero no mundo árabe ou até mesmo um experimento social de inversão de papéis, no qual eles se passaram por moradores de rua nas avenidas de Cairo, no Egito.

O mais recente e relevante dos projetos foi realizado na comunidade de Muchatha, na periferia de Nairobi, Quênia, com o objetivo de erradicar a fome de um estado inteiro nos próximos anos.

– É uma inversão da ideia de que populações da África subsaariana, por exemplo, precisam de dinheiro e que se faça algo por eles. Na verdade, o capital humano que eles têm na comunidade é suficiente para catalisar as transformações necessárias. Além do impacto presencial, a experiência é compartilhada nas redes sociais como forma de despertar em outras pessoas a vontade de fazer algo parecido.

Ajuda a próprio custo

O projeto propõe as primeiras viagens e missões até o final de 2018. No retorno ao Brasil, o objetivo é aplicar o aprendizado de transformação social em lugares onde houver demandas.

– Não temos vinculação político-partidária. Somos jovens empreendedores e estamos bancando as despesas do próprio bolso, por enquanto, pelo amor à camisa – defende Yuri Kuzniecowa.

Ele está viajando o mundo por conta própria há mais de um ano, dando aulas de tênis, surf e trabalhando em hostels para levantar economias. Pedro Casali, que prepara o trabalho de conclusão de curso em Engenharia de Automação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), guardou economias de estágios e intercâmbio.

– É uma oportunidade incrível poder trabalhar com algumas das comunidades mais pobres do mundo e ajudar a erradicar a fome e a miséria. Mas meu objetivo principal é aprender para voltar ao Brasil e replicar essas soluções – projeta Pedro.

Maira Cristina atuou como engenheira eletrônica por seis anos, guardou dinheiro, pediu demissão, quando decidiu se juntar ao projeto. Diferentemente de Yuri e Pedro, que já tinham trabalhado juntos no Movimento Empresa Júnior, Maira tomou a decisão quando viu o trabalho nas redes sociais:

– Queria viajar pelo mundo para aprender com experiências e fazer trabalhos sociais que impactassem positivamente a vida das pessoas à minha volta.



Entre dificuldades e compensações

Yuri estava na Costa Rica quando conheceu outro jovem, o estadunidense Tucker Cocchiarella. Descobriram que tinham o mesmo anseio de fazer algo pela humanidade e montaram o projeto originalmente batizado de Tales4Change, que evoluiu para a criação da InSpark.

– É audacioso fazer o que estamos tentando, que para mim significa lançar fagulhas que gerem transformação no mundo – diz Yuri.

O que é bonito também tem lá seu lado mais difícil. Foram quase presos: duas vezes no Marrocos, ao tentar entrar num campo de refugiados clandestinos (que seria bom para as pessoas, mas não para a imagem do governo perante a situação); e no Egito, na luta pela liberdade de expressão, onde jornalistas são torturados e desaparecem com relativa frequência.

– São os riscos da nossa operação. Reflexo de uma triste realidade em diferentes partes do mundo. Mas com compensações. Em Muchatha, por exemplo, que tem potencial de erradicar a fome, facilitaram o registro de uma cooperativa com o objetivo de transformar a vida de milhares de pessoas – reconhece Yuri.

O jovem afirma que os pais apoiam e sentem orgulho em vê-lo fazendo algo de positivo, mas também preocupados por saber que está morando em favelas, entre refugiados ou em lugares aonde o governo brasileiro às vezes aconselha a não ir.

– Fazemos contato permanente. Um dia, a mãe me ligou 17 vezes – conta, rindo.

Yuri diz ver a viagem como uma jornada de peregrinação do bem, com o objetivo de provar a teoria de que as verdadeiras transformações só podem acontecer de dentro para fora, com o aprendizado como maior princípio.

– É lógico que fazemos a diferença por onde passamos, mas estamos aprendendo muito. Quando o projeto encerrar e voltarmos para nossas cidades, estaremos bem mais preparados para colocar em prática essas ações de empreendedorismo social.

Aproximação do grupo com as comunidades permite ensinar as medidas para combater a fome e criar negócios sustentáveis



Busca por ser fagulhas de transformação

Yuri Kuzniecowa, cofundador do projeto, reconhece que sempre teve uma vida boa. Incentivado pelos pais, praticou esportes, viajou, conheceu pessoas, lugares, fez intercâmbio. Começou a se envolver com questões sociais por meio de um grupo filantrópico ainda adolescente.

Entrou para Medicina, na Unisul, com vontade de ser médico de família. Desistiu quando, mais próximo da profissão, percebeu que a realidade era diferente do imaginado. Por influência do pai, engenheiro,

cursou Produção Mecânica, na UFSC. Mais tarde, ficaria desmotivado. Mas atividades extracurriculares o colocariam no caminho do Movimento Empresa Júnior. Em 2016, em Florianópolis, foi um dos coordenadores da Conferência Mundial de Empresas Juniores. A troca de experiências o fez pensar:

– Depois do evento, fiz um PowerPoint para os meus pais e projetei na TV o meu sonho: uma viagem de volta ao mundo para crescer pessoalmente e descobrir novos horizontes. Não pedi permissão, mas bênção.



Foco dos jovens está no cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU

Diário Catarinense e A Notícia (Capa)
Comportamento
"Competência para edificar obras em Joinville"

Competência para edificar obras em Joinville / Construção Civil / Mulher /
Força de Trabalho / Engenharia / Mariana Braga / Recém-formada /
Engenharia de Infraestrutura / UFSC

JOINVILLE ANO 94 Nº 27.782 OUTROS ESTADOS - R\$ 5,00 R\$ 4,00

SÁBADO E DOMINGO, 17 E 18 DE FEVEREIRO DE 2018

SUPEREDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

nsc AN



Talita lidera a execução de duas obras

Em Joinville, a presença feminina no setor da construção civil chega a 11,8% e é maior do que a média catarinense

MULHERES NO COMANDO

Páginas 24 e 25

COMPORTAMENTO

COMPETÊNCIA PARA EDIFICAR

SETOR DA CONSTRUÇÃO civil, tradicionalmente dominado por homens, ganha o olhar e o toque femininos na cidade, onde elas representam 11,8% da força de trabalho

LUAN MARTENDAL
luan.martendal@somosnsc.com.br

O ramo da construção civil, tradicionalmente marcado pela dominância do universo masculino, vivencia um novo momento em Santa Catarina com a consolidação e o aumento da participação feminina nos cargos de liderança e nos canteiros de obra. Essa realidade é comprovada pelos números e se expande ano a ano no Estado, em especial em Joinville, onde a presença da mulher no setor supera a média estadual.

Na cidade, elas representam 11,8% do total de empregados na construção civil, acima dos 9,7% de representação que as mulheres têm em território catarinense – como aponta o último dado da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), de 2016. Os dois percentuais apontam ganho de espaço feminino na profissão quando comparados ao início da década, em 2011, quando a média de participação na área era de 10% no município e 8% no Estado.

Mesmo com o avanço proporcional delas entre os profissionais atuando no setor, houve redução no quadro de empregados na construção civil, situação advinda entre 2015 e 2016 em decorrência da instabilidade econômica. Ainda em baixa no saldo total de empregos em 2017, entre as mulheres o saldo no ano foi positivo. Foram 1.130 postos de trabalho fechados para homens, contra 204 novas vagas abertas para mulheres nos 295 municípios catarinenses. Já das vagas joinvilenses em regime de CLT, a área teve queda de 46 ocupações masculinas e ganho de 27 vagas femininas no período, conforme a Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc).

Para a vice-presidente do Sindicato das Indústrias da Construção Civil (Sinduscon) de Joinville, Ana Rita Vieira – que também atua no setor –, essa evolução demonstra que não existe uma diferença do que o homem pode fazer e o que uma mulher pode fazer dentro de um canteiro de obras. A máxima é que a profissão não é seletiva e tem espaço para todos, independentemente de gênero e, conforme ela, o que ocorre é uma ampliação da participação feminina em cargos

antes não explorados.

– Muitas obras em Joinville são lideradas por mulheres; temos engenheiras à frente das obras e na operação. Há ainda muitas nos cargos ligados ao acabamento, o que é muito positivo, porque a mulher é detalhista e isso melhora muito a qualidade final dos produtos da construção – aponta.

Ela considera também que a consolidação da presença feminina na construção civil é um movimento gradativo, que acontece paralelamente a outros fatores. São listados como influenciadores, por exemplo, a desmistificação da ideia de que hoje a função ainda exige força para ser exercida.

– Atualmente, existem várias tecnologias e equipamentos e nem todo serviço dentro de uma obra requer tanta força. Esses equipamentos já auxiliam muito, por exemplo, a assentar cerâmica, em que a massa de assentamento era batida na mão e agora há uma espécie de batadeira elétrica. Outros benefícios são a qualidade de vida nos canteiros de obra, que melhoraram muito, além da existência de vestiários exclusivos nesses locais. Então, condições como essas ajudam a tornar o ambiente mais propício as mulheres – destaca.

SALÁRIO MÉDIO DAS MULHERES É MAIOR

O último levantamento do Observatório da Indústria Catarinense, da Fiesc, sobre a participação das mulheres na construção civil, mostra que, em Joinville, o salário médio das profissionais da área é maior do que o pago aos homens: R\$ 2.161, ante R\$ 1.948. Um dos principais fatores que corroboram para a diferença é a escolaridade dos trabalhadores, também proporcionalmente maior entre as contratadas: 79,4% delas possuem ensino básico completo no município, e eles, 54,9%.

De acordo com a Fiesc, a diferença do nível de escolaridade é ainda maior quando considerada a participação das escolarizadas que têm nível superior incompleto ou completo, compreendendo 31,3% das trabalhadoras do setor em Joinville e apenas 5,34% dos homens.



Talita (D) e Nicole são exemplos de mulheres no gerenciamento de obras em Joinville

EM JOINVILLE

Número total de trabalhadores da construção civil + percentual das mulheres



Composição do número de trabalhadores da construção civil
*Dados do último Rais

SANTA CATARINA				JOINVILLE			
Ano	Número	Homens	Mulheres	Ano	Número	Homens	Mulheres
2011	105.238	96.815	8.423	2011	9.767	8.793	974
2012	106.402	97.378	9.024	2012	10.009	9.098	911
2013	111.627	102.032	9.595	2013	8.705	7.771	934
2014	114.654	104.471	10.183	2014	8.986	7.985	1001
2015	104.750	95.019	9.731	2015	8.402	7.432	970
2016	91.961	83.040	8.921	2016	7.580	6.687	893

OBRAS EM JOINVILLE

QUEM SÃO AS MULHERES QUE ATUAM NO SETOR

Desde pequena, a joinvilense Talita Ketly Marcelino sabia a carreira que iria seguir quando adulta. Seguindo os passos do pai Adenilson Marcelino, a jovem de 24 anos realizou no ano passado a conquista de se formar na mesma profissão que ele, a de engenheira civil. Hoje, menos de um ano depois de formada, já tem nas mãos o desafio de comandar a execução de duas obras e liderar mais de 30 pessoas.

Ela é um dos inúmeros exemplos de que na construção civil não existe sexo frágil. Mesmo sem deixar a vaidade de lado, no dia a dia ela coloca os sapatos de segurança, capacete e segue para a função de por em pé dois empreendimentos no bairro América. Ambos saem do papel a partir da gestão *in loco* da gerente de obras.

Para crescer no setor, onde começa como estagiária há dois anos, a jovem aponta que as qualidades pessoais e profissionais fizeram a diferença e que as questões de gênero são deixadas de lado.

— Acredito que o que pode dar certo na carreira de uma pessoa não é a atividade que terá que exercer, se é predominantemente masculina, mas é ela conhecer as suas qualidades. A engenheira civil, na construção de obras precisa ter liderança — aponta.

EM JOINVILLE, O MERCADO ESTÁ CONSOLIDADO

Colega de Talita, a engenheira Nicole Maisa Diedrich Froelich lidera outras cerca de 35 pessoas em uma obra de alto padrão prevista para ser entregue em julho deste ano. Vinda de Rio Negrinho, onde começou a carreira há quase quatro anos, ela afirma que é perceptível a evolução da participação feminina no mercado.

— Até nas universidades a participação das mulheres está quase maior do que a proporção de homens, então elas estão em crescimento constante no mercado da construção civil. Quando eu comecei, em Rio Negrinho, fui uma das primeiras estagiárias naquela empresa e o pessoal até estranhava, mas ajudava. Isso fez com que eu aprendesse mais e quando mudei para Joinville,

percebi que na cidade a situação da mulher na construção civil é bem diferente, o mercado já está mais consolidado.

LIDERANÇA NÃO APENAS NOS CANTEIROS DE OBRA

A liderança da mulher não se resume só aos canteiros de obra, mas também nos escritórios das empreiteiras. A administradora Renata Baggio, 31 anos, se envolveu com o ramo da construção há cerca de sete anos e aos 27 conseguiu chegar ao cargo de diretora comercial na Incorporposul, empresa com atuação no ramo da construção civil em Joinville. É dela a missão de negociar os empreendimentos lançados pela empresa, além de participar da concepção dos projetos junto aos engenheiros dos projetos.

— Apesar do cargo administrativo, é necessário ter conhecimento na área e conhecer a obra. Tenho que acompanhar a concepção do projeto junto aos arquitetos para poder chegar ao cliente e negociar os imóveis. Então, a gente (do comercial) é que orienta o que está vendendo, qual é a tendência de mercado, a procura dos clientes e com isso ajuda a fazer os apontamentos que o projeto deve ter — revela.

Na Rôgga Empreendimentos, outra construtora da região, os cargos de liderança em grandes obras também passam pela atuação feminina. Uma das referências é a joinvilense Marina Zanini, que aos 27 anos chefiou a obra do Bali Beach Home Club, considerado o maior empreendimento imobiliário de Balneário Piçarras. A obra, foi a terceira em que a profissional participou como engenheira-chefe na empresa. Ao todo, ela foi responsável por coordenar o trabalho que teve picos de até 150 operários.

Em outras duas empresas com atuação na cidade, o quadro de mulheres também tem reflexo importante. Na GBF Construtora, que mantém em Joinville dois dos seus nove empreendimentos em construção, três engenheiras (metade do total) são responsáveis pelas obras. Na Construtora e Incorporadora Correia, outras 28 mulheres estão empregadas em diversas funções do ramo.



Marina Zanini, 27 anos, já liderou equipes de até 150 funcionários.



Renata Baggio, 31 anos, negocia os empreendimentos lançados

NAS FACULDADES, MÉDIA É A MESMA NA ÚLTIMA DÉCADA

As universidades joinvilenses que oferecem os cursos de engenharia civil destacam que, atualmente, a proporção de alunas varia de 40% a 50% do total de alunos nos cursos superiores do município. A média é a mesma do início da década. Na Universidade da Região de Joinville (Univille), o curso especializado na área foi aberto em 2013 com 45 vagas, 18 delas preenchidas por mulheres. Essa tendência se manteve e, em 2017, dos 151 alunos matriculados no curso, 58 vagas eram compostas por pessoas do gênero feminino, número considerado expressivo pela universidade. Na Católica de Santa Catarina, a metade dos alunos que entram no curso são mulheres.

De acordo com a coordenadora da engenharia civil da Católica, Helena Ravache Samy Pereira, a avaliação é de que o mercado está considerando a competência e a formação dos profissionais. Em contrapartida, segundo ela, o que tem ajudado as mulheres a ganharem espaço no setor é a oportunidade que elas estão tendo de se desenvolverem profissionalmente dentro das construtoras.

— Quando me formei há 20 anos era uma realidade diferente porque não havia chance de mostrar competência. O que percebo é que muitas alunas conseguem se destacar rápido ao iniciarem como estagiárias e logo são chamadas para atuarem como mestres de obras.

Em busca desse caminho estão Larissa Avancini, de 18 anos, que faz o curso de engenharia civil na Católica, e Mariana Braga, de 23 anos, recém-formada em engenharia de infraestrutura na UFSC.

As duas ingressaram recentemente como estagiária e auxiliar de engenharia na construção de um edifício, em que o ticket médio de venda é de R\$ 750 mil. Segundo elas, o começo a carreira já em uma grande obra reflete a abertura de horizontes para as mulheres no ramo da construção deve se traduzir em novas e constantes oportunidades.

— É gratificante ingressar nesse momento porque tiramos as ideias do papel, exercemos a liderança e começamos a concretizar os objetivos que traçamos — diz Mariana.

Diário Catarinense e A Notícia
Caderno Nós
"Um verão de A a Z"

Um verão de A a Z / Arquivo / Intolerância / Índio / Marcondes Namblá /
Xokleng / Professor / Formado / UFSC / Laklãno

NÓS

SÁBADO E DOMINGO, 17 E 18 DE FEVEREIRO DE 2018 | #121

GASTRO
MEDICAL CENTER

**O ARQUIVO
DESTE VERÃO**

MUITO DO QUE aconteceu nesta temporada era esperado, como a invasão de argentinos e os congestionamentos a caminho da praia. Mas houve novidades, como os jacarés que viraram notícia nacional e a principal praça de Florianópolis fechada por tapumes por causa do Carnaval

PÁGINAS 2 E 3

PÁGINAS 4 A 7

**POLÍTICOS
DEVERIAM
PASSAR POR
RECALL DURANTE
OS MANDATOS**

Luiz Phillipe de
Orleans e Bragança

UM VERÃO DE A A Z

HISTORICAMENTE, O CARNAVAL marca o fim de um ciclo e o começo de um outro. Não à toa, a máxima "o ano começa depois do Carnaval" é comumente usada para definir esta divisão férias e rotina. Nesta edição, o Caderno Nós mostra um resumo do que foi o verão nesta temporada que teve de tudo, desde a presença maciça de argentinos até as inesperadas tempestades que atingiram o Litoral em janeiro e políticos catarinenses que viraram assunto nacional por razões diferentes

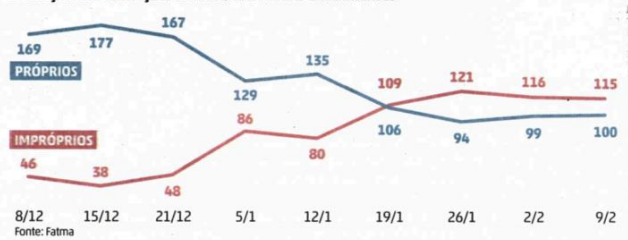
ÁGUA-VIVA

As bandeiras lilases que sinalizam a incidência de águas-vivas voltaram a tremular no litoral catarinense. Somente em Florianópolis, houve 14.991 ocorrências envolvendo banhistas feridos pela espécie até 12 de fevereiro, segundo o Corpo de Bombeiros. A queimadura causada pelo animal pode gerar dores intensas e espasmos musculares. Na temporada passada, foram registrados mais de 77 mil casos em todo o Estado.

BALNEABILIDADE

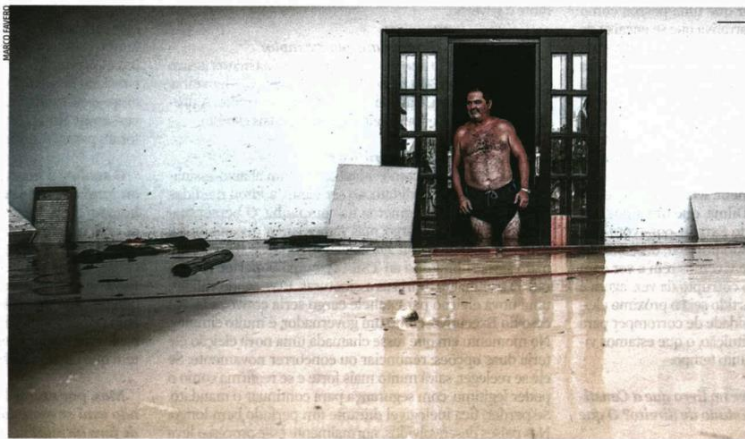
Os relatórios de balneabilidade das praias de SC divulgados semanalmente pela Fatma desde o início de dezembro apontaram, em média, 39,2% de pontos impróprios para banho. Os bons resultados dos primeiros levantamentos, quando mais de 80% dos 215 trechos analisados apresentaram águas em condições adequadas, foram despencando no decorrer do verão. No boletim de 26 de janeiro, o número de pontos com concentração de bactérias acima do recomendável chegou a 121 – o pior desempenho dos últimos cinco anos. As chuvas, as redes de esgoto clandestinas e as correntezas marinhas foram apontadas como responsáveis.

EVOLUÇÃO DAS CONDIÇÕES DA ÁGUA NAS PRAIAS CATARINENSES



CARNAVAL

O futuro é incerto, mas uma coisa ninguém tira do brasileiro: a disposição para esquecer dos problemas e festejar por quatro dias – ou cinco, seis, sete, dependendo da vontade – como se não houvesse amanhã. Em blocos ou em escolas de samba, foliões de todas as idades, etnias, classes sociais, sexos, religiões e ideologias transformaram as ruas de Florianópolis, Laguna, Joaçaba, Navegantes e outras cidades catarinenses com tradição na folia em passarelas onde todas as bandeiras foram válidas. No Carnaval da "problematização", com fiscais do que podia ou não podia se fantasiar, Santa Catarina tirou nota 10 em não levar nada a sério. Até a Quarta de Cinzas, bem-entendido.



DEFESA CIVIL

As chuvas que sempre ocorrem depois de dias muito quentes desta vez vieram com mais força e constância, dando muito trabalho para a Defesa Civil. O aguaceiro afetou pelo menos 20 cidades, com o alagamento de vias, falta de energia elétrica e desabamentos. Florianópolis, Porto Belo e Itapema decretaram situação de emergência. Em apenas 48 horas, o volume de chuva na Capital chegou a 400mm, superior ao dobro do previsto para janeiro inteiro – até o final do mês, passaria dos 570mm. Pelo menos três pessoas morreram e mais de 500 ficaram desalojadas.

ESTILO

No geral, as tendências de moda não mudaram em relação à temporada passada. Continuaram peças leves e soltas, como macacões, camisas com amarrações, decote ombro a ombro, calças pantacourt e bodys. As camisas de manga curta estampadas à la Agostinho Carrara (o inesquecível taxista interpretado por Pedro Cardoso em A Grande Família) e com cara de brechó conquistaram o guarda-roupa masculino e feminino. Já os homens saíram do básico sem graça e se renderam aos shorts de banho curtos e colorido como se estivessem em alguma praia europeia. (Colaborou Yasmine Fiorini)

FALSO ANÚNCIO DE ALUGUEL DE IMÓVEIS

Começa em anúncios em sites de classificados na internet. O interessado gosta das fotos que vê da casa ou do apartamento oferecidos à locação e deposita parte do valor cobrado. Ao chegar no local, já sonhando com dias de ócio à beira-mar, descobre que alugou um imóvel que não existe ou não está sendo alugado. O golpe vitimou famílias em Santa Catarina, frustrou planos de férias e acabou denunciado no Fantástico.

GEADA NA SERRA

Em pleno verão, com termômetros marcando mais de 30°C pelo Estado, ocorreram geadas na Serra catarinense ao menos três vezes. O fenômeno fez com que as estações da Epagri/Ciram registrassem mínimas de 1,4°C e 4,2°C em Urupema e Urubici. De acordo com a técnica em meteorologia Bianca Souza, com o clima seco, céu limpo e temperaturas menores, o ar frio fica retido em áreas de baixadas como as encontradas na região, facilitando o congelamento do orvalho.



HERMANOS

Apaixoados por Santa Catarina desde a década de 1970, os argentinos contam com a balança cambial pendendo para o seu lado para passar as férias aqui. Para felicidade do setor turístico, nesta temporada a relação entre o peso, o dólar e o real lhes favoreceu e eles invadiram o litoral do Estado. Pela projeção da Santur, os hispano-hablantes dominam o contingente de 1,5 milhão de visitantes estrangeiros esperados até a Páscoa. Nessa conta entra todo o tipo de latino-americano, mas basta uma rápida conferida em alguma praia catarinense para detectar de onde a maioria vêm. Camisetas de times como Boca Juniors e River Plate, tejo (espécie de bocha) rolando na areia e mate nas cuias não deixam dúvidas quanto à origem dos hermanos.



INFORMA LUMINER/SHUTTER

INTOLERÂNCIA

Na madrugada do primeiro dia de 2018, o índio Marcondes Nambá Xokleng, de 38 anos, foi agredido e pauladas até a morte em Penha. Professor formado pela UFSC, ele fazia parte de um grupo de 12 integrantes da aldeia da Terra Indígena Laklãno, em José Boiteux, que tinha descido até o litoral Norte do Estado para vender sorvetes durante a temporada. As imagens captadas por um câmera de monitoramento mostram o momento em que um homem carregando um pedaço de madeira o aborda. De repente, o índio leva um golpe na cabeça e continua sendo agredido. Levado ao hospital por pedestres que o encontraram cinco horas depois, Marcondes não resistiu aos ferimentos. Na avaliação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), o crime teve relação com intolerância étnica.



DO MEMORIO

JACARÉS EM FLORIANÓPOLIS

Eles eram bem menos que os mais de 50 chamados acusando sua presença recebidos pelos bombeiros. Mas em número suficiente para preocupar a população - o normal é uma ocorrência do tipo por mês - e colocar Florianópolis na mídia nacional como se tivesse sido invadida por turistas inconvenientes: os jacarés. Com as fortes chuvas que assolaram a Capital em janeiro, os rios e mangues transbordaram e os bichos deram o ar da graça via rede pluvial, aparecendo em ruas e quintais. A espécie predominante na cidade, de papo-amarelo, pode ser agressiva ao se sentir ameaçada. Então... calma, gente!

LUA

Janeiro terminou de uma forma especial para curiosos de astronomia, místicos, lobisomens e curiosos em geral. Por uma coincidência que não ocorria há mais de um século, três eventos lunares levaram lentes e olhares a mirar o céu na última noite do mês. O professor de Física do IFSC Marcelo Giradi Schappo explica que a superlua ocorre quando uma lua cheia está no ponto mais próximo da Terra, o que deixa sua aparência 27% maior e 14% mais brilhantes. Lua azul é segunda vez em que ela está cheia no mesmo mês e herdou esse nome do tempo em que as luas nessa fase eram batizadas de acordo com a época do ano: nos anos com 13 delas, a terceira de uma estação com quatro cheias era chamada assim. E a lua de sangue ou vermelha é decorrência da tonalidade que o corpo celeste adquire em um eclipse lunar.

MOBILIDADE

Assim como cerveja quente, música ruim em volume alto e casa cheia de parentes, o congestionamento é componente obrigatório do verão. Com tanta gente indo para o mesmo lugar no mesmo momento, a fila é inevitável, não importam quantas pistas tenha a estrada ou quantos caminhos levem àquele destino. É assim em qualquer lugar do mundo com apelo turístico, não seria diferente em Santa Catarina. Na sexta-feira que antecedeu o Carnaval, por exemplo, os pontos de lentidão somavam 60 quilômetros pela rodovia do Estado. Isso não exime as autoridades de alternativas que estimulem o motorista a trocar o transporte individual pelo coletivo, mas a situação poderia ser bem menos pior com a adoção de noções básicas de civilidade. Por alguma razão, o cidadão, por mais "do bem" que seja, é capaz de se transformar em um bárbaro no trânsito. Ai, dá-lhe conversões proibidas, invasões a acostamentos, manobras arriscadas.



BRUNO HENRIQUE, 18.03/17/2017



STOCK PHOTO/OLIVIERO TOSCANI

NAVIOS EM BALNEÁRIO CAMBORIÚ

A chegada do MSC Preziosa no atracadouro da Barra Sul no dia 21 de novembro marcou o início da temporada de transatlânticos em Balneário Camboriú. Do gigante com bandeira panamenha desembarcaram mais de 4 mil pessoas de 13 nacionalidades. Até abril deste ano, outras 19 desse porte devem aportar na cidade. A projeção da prefeitura é de que, ao longo das 10 horas em que permanecerão em terra firme, os mais de 90 mil passageiros esperados gastem entre R\$ 450 e 600 cada. Enquanto isso, em uma certa Capital rodeada por mar, a ausência de infraestrutura adequada para receber cruzeiros deixa o turismo local a (não) ver navios.



OPERAÇÃO VERANEIO

O aparato montado pela segurança pública do Estado – a Operação Veraneio – para garantir a lei e a ordem na temporada envolve 10.545 profissionais, entre policiais militares e civis, bombeiros e técnicos do Instituto Geral de Perícias (IGP). Até 15 de abril, esse exército estará atuando em 61 municípios, dos quais 29 balneários, ao custo estimado de R\$ 33 milhões (destinado ao pagamento de diárias para os agentes transferidos de sua base para o litoral, alimentação e remuneração de guarda-vidas civis). A despeito de o número de ocorrências ainda estar sendo tabulado pela secretaria de Segurança, "a percepção é de que este verão está bem mais calmo", afirma o coronel Cesar Nunes, comandante da 1ª Região do Corpo de Bombeiros Militar, que abrange todo o litoral catarinense.

PIZZOLATTI

Confrontado pela câmera, o homem mal consegue parar em pé. A voz sai pastosa: "Não sei, cara. Se eu tiver responsabilidade, eu assumo". Alguém pergunta se ele reconhece estar bêbado. "Tô." Quem responde é o ex-deputado federal João Pizzolatti (PP) após bater com o seu utilitário em um carro popular na SC-421, rodovia que liga Blumenau a Pomerode. O motorista do veículo menor, um rapaz de 23 anos, ficou preso às ferragens e foi levado em estado grave ao hospital. O causador do acidente, com suspeita de traumatismo craniano, também foi socorrido por uma ambulância, mas no meio do caminho recuperou a lucidez e não se apresentou à delegacia, como era esperado. O vídeo com um Pizzolatti cambaleante, ainda sem noção do crime que cometeu, abriu a edição do Jornal Nacional – com direito a William Bonner recomendando aos telespectadores que filmem com o celular na horizontal.

QUE TIRO FOI ESSE?

Revelada por Anitta no clipe de Vai, Malandra, a funkera Jojo Toddynho nunca mais esquecerá do verão de 2018. De um dia para o outro, a carioca de 21 anos teve o cachê triplicado para R\$ 30 mil, viu a audiência de seu canal no YouTube estourar e passou a ser convidada para festas. Tudo por causa do single Que Tiro Foi Esse!, onipresente nas baladas da estação. Apesar do título um tanto bélico, ela garante que a letra não tem nada a ver com incentivo à violência. A julgar pela comoção que obteve causa nas candidatas a popozudas, é verdade.



RÉVEILLON

Não teve Gisete Bündchen, Neymar ou a celebridade da hora. Nem a ostentação de um passado recente, quando tsunamis na economia mundial batiam como uma mardilinha no bolso do brasileiro. As festas organizadas pelas prefeituras também foram mais comedidas em função do orçamento apertado. Nada disso impediu que moradores e turistas saudassem a virada do ano com todo o aparato que a data exige: contagem regressiva, roupa branca, champanha e pirotecnia. Em Florianópolis, os fogos de artifício lançados por três balsas na Baía Norte estouraram por 12 minutos. O motivo oficial era a chegada de 2018, mas para o setor turístico havia outra razão para comemorar: estava decretado o início da temporada.



SEGUNDA INSTÂNCIA

Nunca antes na história deste país o jurisdiquês esteve tão na boca do povo. A condenação de Lula pelo TRF4 em 24 de janeiro alimentou o debate sobre a prisão imediata ou não dele. A interpretação da lei varia conforme o jurista consultado: uns pregam que ele deveria ir imediatamente para a cadeia, outros defendem sua liberdade até se esgotarem todos os recursos cabíveis. Se o critério que valeu para o deputado federal João Rodrigues (PSD) - preso por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) após condenado em segunda instância, mesmo com apelação ainda a ser julgada pela mais alta corte do Judiciário - for aplicado no caso do petista, são grandes as probabilidades de o ex-presidente conhecer o sistema carcerário por dentro em breve. Data vênica, a lógica que rege a Justiça e o poder não são assim tão simples.



SÃO PAULO/REUTERS/ANSA/ALAMY

UBER

Novidade no verão passado, a Uber se preparou para entrar 2018 com tudo em Florianópolis. Dados da prefeitura, com base em informações da própria plataforma, indicam a existência de 6 mil motoristas trabalhando com o aplicativo nesta temporada. O número representa o dobro de parceiros da empresa em relação ao restante do ano e 12 vezes a quantidade de taxistas na Capital. Junte a essa gente toda o fato de que muitos vieram de fora e não sabem como chegar a pontos turísticos consagrados, como Lagoa da Conceição, e o resultado é mais do que previsível: as avaliações da qualidade do transporte alternativo despencaram. Os preços, o maior diferencial competitivo, dispararam com as cada vez mais frequentes taxas especiais. Balinha e água gelada na faixa, então, nem pensar.

VACINA CONTRA FEBRE AMARELA

A repercussão de casos e mortes por febre amarela no país provocou um salto na procura pela vacina contra a doença em Santa Catarina. Em Blumenau, a busca pela imunização pulou de 350 doses em janeiro de 2017 para 4.109 no mesmo mês deste ano, um aumento de 1.145%. Em Florianópolis, a alta foi de 1041% com 11.226 doses ante 942 no referido período. Até o momento, a única morte confirmada pela Diretoria de Vigilância Epidemiológica (Dive) foi de uma moradora de 57 anos de Gaspar que contraiu a doença em São Paulo. Vale lembrar que quem já foi vacinado na última década não precisa de reforço: a orientação é de que apenas aqueles que forem viajar para áreas de recomendação de vacina, como Lages e Chapecó, dirijam-se aos postos de saúde.



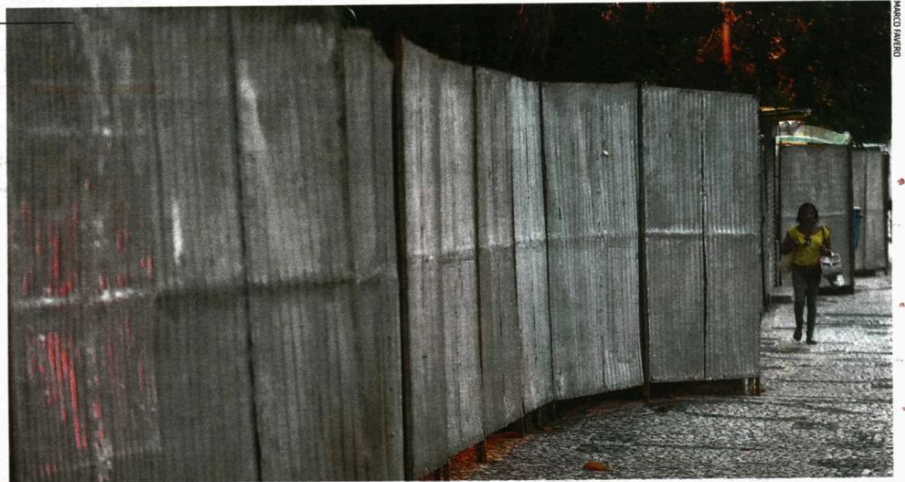
ZORNITIM/GETTY IMAGES

XV FECHADA

Um dos maiores símbolos de Florianópolis, a Praça XV de Novembro, ficou fechada no Carnaval. A prefeitura de Florianópolis tomou a decisão - inédita - com a justificativa de preservar o patrimônio público e histórico. O cerco ao local com tapumes levou em conta alguns fatores ocorridos em anos anteriores: depredação das flores, das ferragens que delimitam os jardins e dos suportes da figueira centenária, além de casos de pessoas que transformaram a área em banheiro. Segundo a secretaria de turismo, a Guarda Municipal não teria como impedir ações de vandalismo entre milhares de foliões.

ZURICH

A empresa suíça que assumiu controle do aeroporto Hercílio Luz, em Florianópolis, passou a gerir o negócio oficialmente em 3 de janeiro. Os europeus terão muito trabalho pela frente: o terminal da Capital recebeu a pior nota - 3,51 - em relação à satisfação dos passageiros, apontou pesquisa realizada com os 20 maiores aeroportos do Brasil (o mais bem-avaliado, Afonso Pena, de Curitiba, alcançou 4,77 pontos). A estrutura atual, que será desativada na metade de 2019, ganhou pequenas melhorias, como o aumento de dois para cinco guichês de atendimento na área de inspeção de segurança. As obras do novo terminal, do outro lado da pista de pouso e decolagem, começaram em 16 de janeiro. A conclusão está prevista para maio do próximo ano.



MAGNUM/GETTY IMAGES

NESTA EDIÇÃO:

EMERSON GASPERIN
Repórter
emerson.gasperin@somosnc.com.br

JEFERSON CIOATTO
Editor
jeferson.cioatto@somosnc.com.br

KARINA SILVEIRA
Designer
karina.silveira@somosnc.com.br

EMERSON SOUZA
Editor de fotografia
emerson.souza@somosnc.com.br

RICARDO WOLFFENBÜTTEL
Editor de fotografia
ricardo.wolff@somosnc.com.br

Diário Catarinense e A Notícia Pancho

“Polícia Militar de SC inicia criação de cavalos em Indaial”

Polícia Militar de SC inicia criação de cavalos em Indaial / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Convênio / Laboratório / Melhoramento genético

VALE DO ITAIAÍ



PANCHO

pancho
@somosnsc.com.br

Corporação fez convênio com a UFSC para uso da área no bairro Warnow



FOTOS: MARINA LAURITZ/REUTERS

Polícia Militar de SC inicia criação de cavalos em Indaial

INTENÇÃO É QUE até o final de 2018 o espaço esteja com os primeiros 30 animais. Só depois de três anos e meio eles estarão prontos e treinados

Dez cavalos foram levados nos últimos dias para a nova coudelaria da Polícia Militar (PM) de Santa Catarina, em Indaial. A palavra é estranha, mas é assim que se chama o local onde os animais se reproduzem e são aperfeiçoados e treinados, neste caso, para o exercício do policiamento. Na próxima semana, éguas reprodutoras serão levadas ao local. Até o fim do ano, o espaço deve abrigar cerca de 30 animais. É um trabalho que requer tempo e paciência. Só depois de três anos e meio, em média, é que o cavalo está

pronto para as atividades.

O primeiro objetivo da novidade é suprir a demanda reprimida que existe na corporação. Atualmente, a PM tem cerca de 140 animais em São José, Joinville, Lages, Chapecó, Criciúma e Caçador. Metade fica na cidade da Grande Florianópolis, que não tem mais espaço. É daí que vieram os animais que hoje estão em Indaial.

Segundo o tenente-coronel Marcos Besen, comandante do Regimento da Polícia Militar Montada, com sede em São José, seriam necessários mais 100 animais em to-

do o Estado para um serviço bem prestado. Eles podem ser comprados de criadores, mas Besen diz que o preço aumentou muito, principalmente depois da Copa do Mundo, quando se tornou obrigatório o uso da polícia montada nas cidades-sede. Por isso, criar os próprios animais tem se mostrado a maneira mais eficiente de suprir essa necessidade. Além disso, no futuro há a possibilidade de a PM de Santa Catarina se tornar referência na criação de cavalos no Brasil e vender a produção a corporações de outros Estados.

Atuação específica

A Polícia Militar Montada atua em ocorrências bastante específicas. Em Blumenau, não há uma cavalaria, mas é comum vermos policiais a cavalo na época de Oktoberfest, por exemplo. Eventos em que há grande aglomeração popular são uma das situações que requerem policiamento desse tipo. Os animais também são úteis em ações de prevenção, de rotina. E são extremamente eficientes para o trabalho em manifestações populares, em que há necessidade de maior controle para a garantia da ordem.

Não há nada definido, mas a coudelaria em Indaial pode fazer com que uma cavalaria seja criada em Blumenau. Demanda certamente existe, principalmente pelo porte da cidade. A distância ajuda. Falta só a determinação do comando geral da Polícia Militar de Santa Catarina.

Laboratório para melhoramento genético

A nova unidade da Polícia Militar fica no bairro Warnow, em uma área de 250 mil metros quadrados que pertence à União e foi cedida à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Um convênio da corporação com a universidade viabilizou a atividade.

No local, que fica junto à Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), já funcionou um laboratório de melhoramento gené-

tico de bovinos. No futuro, a ideia é que a UFSC possa instalar um laboratório para melhoramento de equinos. Hoje, não há recursos para isso.

A raça mais usada no policiamento é a Brasileiro de Hipismo, inicialmente desenvolvida para a prática do esporte, mas que se mostrou extremamente eficiente nas atividades policiais. Com a melhoria genética é possível obter animais ainda mais qualificados.



Primeiros animais chegaram à coudelaria, que receberá mais alguns na próxima semana

Notícias do Dia Capa e Estado "O tesouro guardado no subsolo"

O tesouro guardado no subsolo / Documentário / TV UFSC / Aquífero Guarani / Aquífero Serra Geral / Zeca Pires / Cineasta / Professor / Luiz Fernando Scheibe / Doutorando / Luciano Augusto Henning / Água / Arthur Nanni / Interprogramas



16/17.Estado NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 17 E 18 DE FEVEREIRO DE 2018

O tesouro guardado no subsolo

Agressões aos aquíferos Guarani e Serra Geral são documentadas e divulgadas pela TV UFSC

PAULO GLÓVIS SCHMITZ
pg@noticiasdoestado.com.br

As fotos mostram trechos de mata e campo aberto, pequenos rios, trilhas, cânions, paredes de pedra, vales profundos e cercas que separam propriedades, tudo ornado pela neblina típica da Serra catarinense. Em outras imagens aparecem uma equipe filmando a paisagem agreste, um grupo caminhando próximo a um despeñadouro, pessoas admirando cachoeiras do tipo "véu de noiva", gado pastando em cenários de grama e araucárias. É gente de distintas origens e idades que está ali para mostrar onde nascem os rios Pelotas e Canoas, que muitos quilômetros adiante vão formar o Uruguai e correr em direção ao Prata, banhando vilas, cidades e florestas em suas margens.

O grupo forma uma expedição que juntou equipes institucionais da cidade argentina de Concordia, da Rede Guarani/Serra Geral e da TV UFSC para registrar aspectos das regiões catarinenses onde se situam os dois principais aquíferos da América do Sul. Se os profissionais do país vizinho vieram para documentar as nascentes (em Urubici) e a área do entorno, para os brasileiros o material ajudará a aumentar o já vasto acervo sobre as águas que brotam do solo e formam bacias, irrigam as lavouras e atendem ao consumo humano.

A TV UFSC já produziu 90 interprogramas sobre o assunto, inseridos nos intervalos das atrações da emissora, e planeja finalizar este ano um documentário que tem o objetivo de mostrar os problemas que ameaçam as reservas hídricas superficiais e subterrâneas no Estado. A parceria entre a TV e a Rede Guarani/Serra Geral leva o nome de Corredor das Nascentes e tem a coordenação do cineasta Zeca Pires e do geógrafo e professor aposentado Luiz Fernando Scheibe, respectivamente. Depois, a intenção é produzir um seriado, também focado nos aquíferos, em seu papel de proteção e preservação e nos impactos da poluição, das monoculturas, no risco de escassez e na ameaça de privatização de reservas hídricas. ●



Rocha basáltica localizada na parte superior da escarpa é o afloramento mais evidente do aquífero Serra Geral

Falta controle sobre as águas subterrâneas

■ "A crise da água é uma crise civilizatória, porque hoje se pensa apenas no consumo imediato", diz o professor Scheibe. Só o aquífero Guarani tem 1,1 milhão de quilômetros quadrados (70,2% no Brasil, abrangendo os Estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), mas a gestão da água deixa a desejar e a pressão sobre os recursos hídricos aumenta a cada dia, especialmente em vista do consumo agrícola. E Santa Catarina, muito rica em rios e nascentes, "é um dos Estados com menor controle das águas subterrâneas", denuncia Scheibe.



Ponto importante de nascentes na Serra

“**A crise da água é uma crise civilizatória, porque hoje se pensa apenas no consumo imediato. Santa Catarina é um dos Estados com menor controle das águas subterrâneas.**”

Aquíferos é que garantem a perenidade dos rios

■ Aquíferos são formações geológicas de origem vulcânica que funcionam como reservatórios de água. Luiz Fernando Scheibe explica que o líquido fica retido nos poros das rochas subterrâneas, alimentadas pela água das chuvas que se infiltram no subsolo. Acima do Guarani fica o aquífero Serra Geral, uma espécie de capa protetora do primeiro, de incidência mais profunda. Em Santa Catarina, os afloramentos mais perceptíveis situam-se numa faixa que vai de Norte e Sul, às vezes de poucos metros, outros de um a dois quilômetros, acompanhando os contornos da Serra Geral.

"A rocha é porosa ou tem fraturas, que é onde fica o líquido, numa espécie de esponja", informa ele. Nascentes de rios como o Canoas, Pelotas, do Peixe, Irani, Jacutinga, Chapecó e dos Antas, que formam a grande bacia do Uruguai, vêm dos aquíferos. Correndo para

Oeste, o rio Negro, afluente do Iguaçu, vai formar a bacia do rio Paraná, que também deságua no Prata, próximo a Buenos Aires. Já os rios Itajaí, formado por quatro braços, Itapocu, Tijucas, Tubarão e Araraíngua compõem a vertente do Atlântico. "Os aquíferos garantem a perenidade desses rios", reforça o professor.

Esse corredor tem nascedouros que dão origem a 23 bacias hidrográficas. Além da contaminação provocada pela poluição dos defensivos agrícolas, pela extração descontrolada via poços artesanais, pelos impactos da monocultura e por outros problemas de ordem ambiental, também a multiplicação de usinas de geração de energia afeta a distribuição das águas no Sul do país. "As hidrelétricas construídas no Pelotas e Uruguai mexeram num rio de corredeiras, que renavam a água", denuncia Scheibe.



Luiz Fernando Scheibe, professor aposentado

Professor Luiz Fernando Scheibe (à esq.), cineasta Zeca Pires e doutorando Luciano Augusto Henning

Vinhetas dentro da programação

■ Para mostrar a riqueza dos ecossistemas nos quais se inserem os aquíferos, e também para denunciar os riscos que eles correm, a TV UFSC e a Rede Guarani/Serra Geral desenvolvem desde 2013 uma parceria que resultou num projeto chamado Corredor das Nascentes. O primeiro efeito foram as 90 vinhetas (denominadas Corredor das Águas) veiculadas a partir do ano seguinte com depoimentos de pesquisadores, agricultores e ativistas do Brasil e exterior. Os temas vão do ciclo da água às ameaças de privatização de áreas com nascentes, passando pela gestão dos recursos hídricos, crises de abastecimento, incidências de águas subterrâneas e a pressão da agroindústria e da produção de alimentos sobre as fontes de água doce. Os interprogramas têm três minutos, em média.

Outro passo foi a produção do documentário "Água_Vida", com direção de Zeca Pires, que a partir de saídas de campo revela "os problemas ambientais e civilizatórios que ameaçam as reservas hídricas superficiais e subterrâneas", além de mostrar ações e boas práticas que ajudam a preservar esses recursos naturais. Com 26 minutos, o documentário tem roteiro escrito pelo professor Luiz Fernando Scheibe e a participação dos pesquisadores Arthur Nanni e Luciano Augusto Henning.

O "Água_Vida" também foi exibido pela TV Brasil, que em março deste deverá mostrar outras imagens coletadas pela TV UFSC nas expedições pelo interior catarinense, aproveitando o Dia Mundial da Água (22/03), o Fórum Mundial da Água (18 a 23/03) e o Fórum Alternativo Mundial da Água (17 a 22/03), ambos em Brasília.



O tema das águas subterrâneas é muito importante, e nosso desafio é ser didático e crítico ao mesmo tempo."

Zeca Pires, cineasta



Zeca Pires faz tomadas em pontos da Serra catarinense para o acervo da TV UFSC

Documentário aproveita riqueza do material

■ Dentro do mesmo conceito, a TV UFSC está recolhendo material para um especial de 120 minutos que deve ficar pronto até o final de 2018, usando a grande quantidade de material recolhido em mais de três anos de andanças pelo Estado. "O tema é muito importante, e nosso desafio é ser didático e crítico ao mesmo tempo", diz Zeca Pires, que desde 1983, quando fil-

mou o curta "Manhã" nas cidades de Anitápolis e Rancho Queimado, tem fortes vínculos com a Serra catarinense. Produzir um seriado é o passo seguinte, ainda em nível de projeto.

Tanto os interprogramas quanto o documentário "Água_Vida" podem ser vistos no YouTube. Material sobre a Rede Guarani/Serra Geral pode ser encontrado no site www.rgsgsc.wordpress.com

Notícias do Dia Fabio Gadotti "Crise institucional"

Crise institucional / Reitor pro tempore / Ubaldo César Balthazar / UFSC /
Pré-candidato / Sucessão / Luiz Carlos Cancellier de Olivo

Crise institucional

O reitor *pro tempore* Ubaldo Balthazar lançou sua pré-candidatura à sucessão na UFSC. Na justificativa, afirma que a universidade "vem passando nos últimos meses pela mais grave crise institucional de sua história". Ele deixa claro que pretende continuar o projeto de Luiz Carlos Cancellier, que morreu em outubro: "Convenci-me, pela amizade, formação profissional e companheirismo na gestão com nosso reitor que posso representar a continuação desse processo, com o apoio integral dos pró-reitores e secretários".

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

17/02/2018

[Como o Estado brasileiro foi conivente com o tráfico ilegal de africanos](#)

[Reitor apontou falhas em investigação](#)

[Um mês antes de ser preso, reitor da UFSC apontou falhas em investigação](#)

[Ex-Reitor da UFSC apontou falhas em investigação](#)

[Agressões aos aquíferos Guarani e Serra Geral são documentadas e divulgadas pela TV UFSC](#)

[Balço de 2017: ano de realizações](#)

18/02/2018

[De A a Z, os momentos mais marcantes da temporada](#)